

**Prefácio de Hector Leis para a segunda edição de *A Modernidade Insustentável*
(editado pela Annablume em 2014)**

A Modernidade Insustentável teve sua origem numa tese de doutorado em filosofia defendida poucos anos após a Conferência de Rio-92. Aqueles eram anos de otimismo para o ambientalismo e o autor, apesar de suas reservas com relação a esse sentimento, não conseguiu ser poupado totalmente. Passados quase quinze anos é muito difícil trazer de volta aquele otimismo. Embora se tenha avançado bastante na legislação ambiental e na retórica dos diversos atores do cenário público, quando se observam os problemas ambientais concretos se verifica que a causa da sustentabilidade perdeu fôlego. A capacidade de ação do ambientalismo diminuiu de forma inesperada e paradoxal. Após um forte crescimento na segunda metade do século XX, que lhe permitiu progressivamente penetrar com sua preocupação e valores em todas as esferas da sociedade contemporânea, a força do ambientalismo começou a dissolver-se na mesma medida que aumentava sua ambição de influir na dinâmica política e econômica. Sua outrora complexa visão de mundo se fragmentou em pedaços temáticos para, supostamente, melhor lidar com os problemas concretos. Enquanto na fase anterior queria mudar os paradigmas dominantes no mundo, agora parecia querer apenas consertar os aspectos mais deletérios da ação humana. Mas ao mesmo tempo que procurava tornar-se mais realista e pragmático, suas ações e demandas tornavam-se menos atraentes no espaço público.

Não é estranho que o debate ambientalista também perdesse fôlego e ficasse mais superficial e pobre. Em vez de ir a fundo nas implicações que atravessam os temas de sua agenda, o ambientalismo se deixou ganhar por uma lógica imediatista e instrumental. As contundentes críticas do passado ao ritmo do crescimento populacional e à produção de energia em usinas atômicas, por exemplo, se transformaram na sua maioria em atitudes “realistas” sintonizadas com o pensamento politicamente correto que domina o debate das sociedades ocidentais no início do século XXI. Em troca da possibilidade de influir nas políticas de curto prazo, o ambientalismo abandonou progressivamente sua luta pela mudança profunda dos valores civilizatórios associados à crise ambiental global. Seria um erro atribuir a perda de vitalidade do ambientalismo nos últimos anos a fatores externos a sua própria dinâmica. Ainda que ao longo de sua história tenha sido sempre atacado por múltiplos atores e interesses, a explicação das causas de seu atual impasse devem ser procuradas na mudança de estratégia, acontecida

de forma insensível, para uma intenção inscrita no campo da ação instrumental característica dos atores políticos e econômicos contemporâneos. Sem uma percepção clara da mudança de rumo acontecida, o ambientalismo está esquecendo um passado de esforçadas lutas pela reviravolta dos valores predatórios, materialistas, consumistas e individualistas da cultura predominante nas sociedades modernas.

Se fosse outro o contexto atual, talvez não me teria motivado para aceitar a reedição deste livro. Ele aborda as raízes e a evolução do ambientalismo, enfatizando seu desempenho no campo dos valores, mostrando a maturidade e complexidade alcançada na crítica a aspectos importantes da modernidade. Retomando a leitura de *A Modernidade Insustentável* o leitor poderá ter subsídios para entender quanto o ambientalismo tem ficado longe de sua gênese e assim avaliar melhor as implicações presentes no seu impasse atual. O livro mostra como o ambientalismo desenvolveu sua capacidade de ação através de uma cosmo-visão híbrida e heterodoxa, porém portadora de uma crítica englobante das teorias e práticas dominantes nos campos da economia, da política e da sociedade ocidentais modernas. Cosmo-visão firmemente ancorada no debate científico, assim como no campo filosófico e teológico.

A Rio-92 gerou expectativas que não se realizaram sobre a possibilidade do sistema internacional desenvolver políticas efetivas a favor da sustentabilidade. É verdade que os paradigmas da modernidade ainda não esgotaram seu tempo histórico e continuam seduzindo os corações e mentes da maioria dos seres humanos, sejam pobres ou ricos. Mas interessa aqui destacar o fator contribuinte para isso, vindo da dinâmica principal do ambientalismo nas últimas décadas, consistente no esquecimento da descontinuidade entre os pressupostos das saídas ambientalmente sustentáveis para o planeta e os pressupostos da mentalidade que opera o mundo moderno. O ambientalismo faria um fraco favor á causa ambiental se acreditasse que a sustentabilidade é uma aposta basicamente racional e que os seres humanos serão levados até ela de forma harmônica e sem sobressaltos com relação a suas opções atuais. A escolha ambientalista é muito mais um contra-senso do realismo que uma alternativa pacífica ao atual estado de coisas.

Resumindo, a reedição deste livro se justifica especialmente porque a humanidade corre o risco de extraviar o rumo no século XXI, perdendo sua capacidade para impedir a eclosão catastrófica no futuro dos problemas ambientais globais hoje em pauta. A política internacional relegou a um segundo plano às negociações ambientais – os reiterados fracassos para tratar do tema da mudança climática são prova suficiente

disso. Salvo exceções, as escolhas dos governos acompanham as preferências de cidadãos que se importam mais com o aumento do consumo e do crescimento econômico, que com o estado de saúde do planeta. Apesar de caminharmos na direção de uma população mundial com um número exponencialmente crescente de idosos, as agendas das nações giram cada vez mais em torno de expectativas de curto prazo. Paradoxo que revela exemplarmente a gravidade do presente impasse ambiental. A atualidade de este livro reside nas pistas que oferece para entender o quíproquó descrito acima. O livro orienta ao leitor para levar em conta os processos simbólicos de longa duração, desenvolvendo aspectos relevantes das interfaces do pensamento filosófico e teológico com os problemas ambientais. Entender o cruzamento desses processos com as “urgências” da modernidade” permitiria encontrar saídas e alternativas que hoje permanecem invisíveis.

Florianópolis, 16 de setembro de 2011